

Introdução

O projecto de investigação relatado neste livro, desenvolvido no âmbito do mestrado em Ciências da Comunicação, com especialização em Audiovisual e Multimédia, tinha como objectivo inicial compreender as diferenças entre a linguagem cinematográfica e a linguagem literária. Para os cineastas tanto quanto para os estudiosos da matéria, é fundamental conhecer as diferentes exigências formais dos dois *media* para a concretização de bons produtos audiovisuais e sua avaliação, uma vez que estes são quase sempre baseados em fontes escritas, quer seja pela transposição de um argumento (escrito) para o ecrã ou pela adaptação de uma narrativa previamente formalizada.

Logicamente, as adaptações de obras literárias ao cinema revelaram-se o objecto de estudo ideal: estando na charneira entre as duas artes e sendo o conteúdo da narrativa comum, o estudo poderia assim concentrar-se nas questões formais que aproximam e/ou distanciam os dois *media*.

À medida que o estudo foi sendo desenvolvido, constatou-se que estas diferenças de forma são demasiado amplas e complexas e exigiriam análises mais aprofundadas do que é exequível numa tese de mestrado. Por isso, procurou-se encontrar um tema mais específico.

A rápida evolução protagonizada, no último século, pelo cinema, pela televisão e pelas novas tecnologias da comunicação veio alterar significativamente o nosso mundo. Fala-se na instauração de uma “civilização da imagem”. No entanto, ainda hoje, a literacia textual é afirmada pela maioria como requisito primeiro e fundamental para o conhecimento, relegando-se os artefactos audiovisuais para um estatuto quase exclusivo de entretenimento. Mas, num mundo que promove, na prática, a integração mediática, terá ainda lugar esta guerra entre imagem e palavra? Num mundo onde prolifera o intercâmbio entre tantos e tão diversos *media* e uma interminável “reciclagem” de mensagens, fará ainda sentido falar em histórias originais? Estaremos nós igualmente preparados para produzir bons produtos audiovisuais, sejam eles originais ou adaptados, como se pretende que estejamos preparados para a produção

literária? Mais ainda, estará a produção teórica a acompanhar esta evolução, ultrapassando, como seria de esperar, os ainda persistentes preconceitos e a tradicional hierarquização entre meios de expressão?

Sabemos que as relações entre literatura e cinema nunca foram pacíficas. A adaptação de obras literárias ao cinema, forma de cruzamento textual entre dois meios, apesar de ser uma prática muito frequente, tem inspirado, desde os primórdios da Sétima Arte, intensas polémicas. Apesar de um avanço considerável registado nos últimos anos, os preconceitos persistem, tanto ao nível académico, como, em particular, ao nível das críticas do público e dos círculos eruditos da cultura. Entre as leituras científicas e as opiniões mais diversas sobre este tema, uma das questões mais frequentemente abordadas é a da fidelidade da adaptação.

Os objectivos do estudo

Escolhido o campo de estudo da presente investigação e colocadas estas questões iniciais, foram então definidos os seguintes objectivos gerais para o projecto de estágio:

- a) Compreender as diferenças entre a linguagem literária e a linguagem audiovisual utilizada no cinema.
- b) Conhecer os diferentes recursos usados pelos dois meios para transmitir uma mesma ideia ou mensagem, bem como os respectivos limites e potencialidades.
- c) Conhecer as opiniões dos vários intervenientes (produtores, críticos, académicos e público) sobre a melhor forma de realizar uma adaptação.
- d) Saber em que consiste a “fidelidade”, tão frequentemente reclamada na adaptação de obras literárias ao cinema, se é que é possível defini-la, e se, de facto, as adaptações podem ou devem ser “fiéis” à obra original, e em que medida podem ou devem sê-lo.
- e) Conhecer os critérios mais frequentes para avaliar a “qualidade” de uma adaptação.

Chegados a este ponto, novas questões se levantam. Em que consiste a fidelidade de uma adaptação? Ela deve ser tão literal quanto possível ou deve incluir uma leitura da obra original? Será possível, em dois meios formalmente tão diferentes, contar ‘a mesma história’, ou será ela sempre alterada, acrescentada ou diminuída pela especificidade do meio? Será, de facto, desejável a fidelidade de uma adaptação à obra que lhe dá origem, ou tal atitude não é mais do que uma ‘colagem’, reveladora de falta de originalidade e de coragem por parte dos cineastas?

Autores mais recentes descartam a ideia de fidelidade, ou, pelo menos, de fidelidade literal, que, afirmam, não é possível entre dois meios tão diferentes. Ainda assim, a ideia continua a proliferar, como veremos, no discurso sobre adaptação, se não explícita, ao menos implicitamente. Mesmo quando não é concretamente afirmada ou defendida, a fidelidade parece transparecer, nos comentários que as obras derivativas inspiram, como o principal factor e justificação para uma avaliação positiva. A maioria dos textos produzidos apresenta mais questões do que respostas, as quais não só são raramente avançadas, como também, quando o são, parecem ainda longe de apresentar um esclarecimento conveniente sobre o assunto ou de conseguir reunir consenso. O que nos leva a pensar que há ainda muito para ser explorado a este respeito.

Foi decidido, então, fazer incidir o estudo precisamente sobre estas questões, cujo aprofundamento corresponde aos objectivos específicos do projecto de investigação, a saber:

- a) Conhecer as noções mais comuns de fidelidade das adaptações de obras literárias ao cinema;
- b) Conhecer as opiniões existentes sobre se ela pode ou deve ser procurada, e, se sim, em que termos;
- c) Comprovar se a fidelidade de uma adaptação é o factor mais determinante para uma avaliação positiva.

Questão de investigação e sua fundamentação

Logicamente, quando falamos de artefactos discursivos ou artísticos, é impossível definir critérios de 'qualidade' que permitam avaliá-los objectivamente. Há, no entanto, factores que os diversos intervenientes no processo, tais como o público, a crítica jornalística, as comunidades de produtores mediáticos e de académicos nas duas áreas, cinema e literatura, levam em conta para produzir as suas avaliações da obra adaptada.

A questão fundamental que guiou este estudo foi precisamente se a fidelidade, tão frequentemente reclamada pelo discurso leigo e académico sobre o tema, constitui, de facto, requisito fundamental para que uma adaptação seja avaliada positivamente. Por outras palavras, a questão de investigação era:

Em que consiste a fidelidade de uma adaptação de uma obra literária ao cinema, e em que medida será essa fidelidade o factor mais determinante para uma avaliação positiva pelos públicos a que se destina?

Este tema foi considerado pertinente não só pelo interesse que nos despertam as questões ligadas à literatura e ao cinema, mas principalmente por considerarmos necessário esclarecer os preconceitos que tão frequentemente envolvem o discurso sobre adaptação, nomeadamente este, o da fidelidade. Apesar de os conceitos de fidelidade e qualidade serem subjectivos e difíceis de definir, eles são tão frequentemente utilizados na avaliação das adaptações fílmicas de obras literárias que se torna, na nossa opinião, pertinente aprofundar o tema de forma sistemática e objectiva. Esta indefinição tolda uma visão objectiva dos factos em análise, impedindo a produção de conhecimento – científico ou não – sobre o fenómeno.

Como ler o livro

O presente livro está organizado nas seguintes partes fundamentais: i) o enquadramento teórico, que revela as principais questões levantadas e uma revisão bibliográfica sobre o tema, bem como os resultados de um estudo exploratório, onde se procurou verificar a proporção de originais e adaptações, entre os filmes mais aclamados de sempre; ii) o modelo teórico em que assenta a análise; iii) o modelo de análise, em que se define a metodologia de estudo; iv) a análise empírica propriamente dita, através do estudo do caso de adaptação do romance *Ensaio sobre a Cegueira* ao cinema, em *Blindness*, no sentido de identificar se a adaptação pode ser considerada “fiel”, em que medida o é e se essa fidelidade, a existir, se revelou garantia da sua avaliação positiva; e v) as conclusões do estudo.

Algumas ideias incluídas neste relatório não são identificadas com uma referência bibliográfica particular, dado que são, nestes casos, múltiplos os autores que as sugerem, tanto quanto as sugere o senso comum; por isso, decidiu-se considerá-las parte do conhecimento universal e, assim, não imputáveis a um ou outro autor em particular. Noutros casos, a informação foi recolhida através de fontes como páginas específicas da internet; para simplificar, e como cada uma não é uma fonte significativa, colocámos apenas a referência em nota de rodapé, e não na listagem final de referências bibliográficas.

Sempre que foi necessário salientar uma palavra ou expressão em particular, ela foi assinalada entre apóstrofes (’); quando está entre parêntesis (”), isso significa que se trata de uma citação. As citações foram traduzidas para Português, tal como é prática instituída no CECS – Centro de Estudos em Comunicação e Sociedade –, ao qual este trabalho está ligado, e de forma a facilitar a leitura e compreensão do relatório. As regras de referência bibliográfica respeitadas obedecem às normas propostas pelo mesmo centro. Os nomes das obras referenciadas, tanto as académicas, quanto as ficcionais, são mantidos na língua original em que as obras foram produzidas.